

EM BUSCA DA VIDA

Jane Hollister Wheelwright

EM BUSCA DA VIDA

Tradução: Marianne Ramira Ligeti



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Death of a woman*
© 1981 by Jane Hollister W.

Direção editorial
Darlei Zanon

Coordenação da coleção
Dra. Maria Elci Spaccaquerche, Dr. Franklin Chang
e Dr. Léon Bonaventure (in memoriam).

Gerente de design
Danilo Alves Lima

Coordenador de revisão
Tiago José Risi Leme

Diagramação
Gustavo Gomes

Imagem da capa
Vincent Willem van Gogh (1853-1890)

Impressão e acabamento
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Wheelwright, Jane Hollister.

Em busca da vida/ Jane Hollister Wheelwright; tradução de Marianne Ramira Ligeti.
- São Paulo: Paulus, 2022.
Coleção Amor e psique.

ISBN 978-65-5562-737-4

Título original: *Death of a woman*

1. Câncer – Aspectos psicológicos 2. Câncer – Pacientes 3. Morte – aspectos psicológicos
I. Título. II. Ligeti, Marianne Ramira III. Série

22-5228

CDU 159.9

Índice para catálogo sistemático:
1. Câncer – Aspectos psicológicos



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-737-4

Introdução à Coleção Amor e Psique

Na busca de sua alma e do sentido de sua vida, o homem descobriu novos caminhos que o levam para a sua interioridade: o seu próprio espaço interior torna-se novo lugar de experiência. Os viajantes desses caminhos nos revelam que somente o amor é capaz de gerar a alma, mas também o amor precisa da alma. Assim, em lugar de buscar causas, explicações psicopatológicas para nossas feridas e sofrimentos, precisamos, em primeiro lugar, amar a nossa alma, assim como ela é. Desse modo é que poderemos reconhecer que essas feridas e sofrimentos nasceram de falta de amor. Por outro lado, revelam-nos que a alma se orienta para um centro pessoal e transpessoal, para a nossa unidade e a realização de nossa totalidade. Assim, a nossa própria vida porta em si um sentido, o de restaurar a nossa unidade primeira.

Finalmente, não é o espiritual que aparece primeiro, e sim o psíquico, e depois o espiritual. É a partir do olhar do imo espiritual que a alma toma seu sentido, o que significa que a psicologia pode, de novo, estender a mão à teologia.

Essa perspectiva psicológica nova é fruto do esforço para libertar a alma da dominação da psicopatologia, do espírito analítico e do psicologismo, para que volte a si mesma, à sua própria originalidade. Ela nasceu de reflexões durante a prática psicoterápica, e está começando a renovar o modelo e a finalidade da psicoterapia. É uma nova visão do homem na sua existência cotidiana, do seu tempo, e dentro de seu contexto cultural, abrindo dimensões diferentes de nossa existência, para

podermos reencontrar a nossa alma. Ela poderá alimentar todos os que são sensíveis à necessidade de colocar mais alma em todas as atividades humanas.

A finalidade da presente coleção é precisamente restituir a alma a si mesma e “ver aparecer uma geração de sacerdotes capazes de entenderem novamente a linguagem da alma”, como C. G. Jung o desejava.

Léon Bonaventure

Apresentação à presente edição

É possível contar uma história e inspirar as pessoas de várias maneiras. Jane Wheelwright relata sua experiência, quase em forma de romance, com o tratamento de Sally, uma paciente de 37 anos, que enfrentou um câncer avançado na década de 1960. O tratamento implica combater a doença numa época de raros recursos e poucas opções.

Sua abordagem, tão humana e ao mesmo tempo profissional, séria, focada e cheia de questionamentos sobre o seu desempenho como analista, nos conecta diretamente com nossos profundos anseios como terapeutas e como seres humanos. O livro nos prende. Caminhamos com ele tocados por Sally e Jane.

Marianne Ligeti, amiga de longa data, psicóloga e analista junguiana, me recomendou o livro para que pudéssemos publicá-lo pela Paulus, na coleção “Amor e Psique”. Perguntei-lhe, então, como ela chegou a ele. Esta foi sua história:

Achei esse livro na vasta biblioteca de minha mãe. Assim, um pouco por acaso, entrei nesse vasto mundo tão cruel, de um lado, e corajoso, de outro. Ao terminar minha leitura, fiquei tão impressionada, que decidi que precisava traduzi-lo para o português. Coincidentemente, eu tinha uma viagem marcada para São Francisco (Califórnia, Estados Unidos), e logo tratei de entrar em contato com a autora, Jane Hollister Wheelwright. Ela e o marido me receberam na casa deles, com muita simpatia. Estavam de mudança, e lanchamos entre piano de cauda, pilhas de livros e malas. Quando perguntei se poderia traduzir o

livro, a senhora Wheelwright pegou um cartão-postal que estava por ali e me deu todos os direitos autorais. Assim esse livro chegou até nós.

Coincidências, diríamos, sincronicidade, generosidade e amor pela vida marcam a trajetória deste livro.

Boa leitura!
Maria Elci Spaccaquerche
Marianne Ligeti

A morte, o que é?
Todos os dias, digo a mim mesmo:
a morte é como alguém que se levanta
depois de uma grave doença.
Todos os dias, digo a mim mesmo:
a morte é como inalar uma fragrância,
como estar em um país intoxicante.
Todos os dias, digo a mim mesmo:
a morte é como aquele momento
em que o céu clareia por um instante
e um homem sai com sua rede
para caçar pássaros,
e repentinamente encontra-se
em um lugar desconhecido!
A morte, o que é?
É um coração digno
quando chega a sua hora.

Antiga Canção Egípcia

Introdução

Ultimamente, vem aumentando o interesse pelo tema da morte, especialmente pelos casos de morte por câncer. Este livro oferece uma nova perspectiva sobre o assunto: a de uma analista que anotou os sonhos de uma paciente terminal e interpretou-os à luz da psicologia profunda de C. G. Jung. O que me parece ser o mérito mais especial deste livro é sua integridade; não pretende ter obtido resultados espetaculares, nem encobrir a tragédia. Além disso, não atribui uma glória falsamente sentimental à morte e nem a considera um horror sem esperança. É totalmente honesto: relata a realidade.

Esta obra revela, de modo muito impressionante, a lenta e essencial transformação que a alma, a psique inconsciente, experimenta em face da morte iminente. A devoção e a paciência infinitas da analista e a corajosa honestidade da paciente fazem deste livro um *document human* dos mais tocantes. Percebemos como o inconsciente nos prepara para a morte e nos ajuda a suportar o insuportável sofrimento de forma lenta, quase imperceptível, mas segura. Até o pior dos sofrimentos, diz Jung, torna-se suportável quando podemos perceber seu significado.

Numa era em que a morte é glorificada ou vergonhosamente escondida, os sonhos recolhidos neste livro nos trazem de volta às verdades básicas de nossos instintos, à percepção de que a vida e a morte não passam de duas facetas do mesmo mistério, que Jung chamou de processo de individuação. Esse processo ainda nos é quase desconhecido; provavelmente acontece com todos

nós, mas só revela seu significado quando lhe dirigimos nossa atenção conscientemente.

Este documento vai ajudar a quem está passando por um momento semelhante ao aqui descrito e a seus amigos, e também corrigir nossos medos e atitudes erradas em relação à morte.

Marie-Louise Von Franz

Junho de 1980

Nota da autora

Este livro é um fiel relato de meu trabalho analítico com uma mulher – que chamarei de Sally – que enfrentou heroicamente a morte; tinha câncer.

Sally morreu no começo dos anos 60, e o primeiro esboço deste livro foi escrito cerca de dez anos depois. Desde então, a morte e o morrer deixaram de ser assuntos tabus na psicologia e tornaram-se uma preocupação comum, especialmente dentro da comunidade psicoterapêutica e entre as novas gerações em geral. Essa significativa mudança de atitude me impele agora a ampliar meu relato original, escrito no final dos anos 60, em respeito a ela e também ao público.

Foi somente nessa última década que os terapeutas passaram a empreender um grande esforço para ajudar pacientes terminais a enfrentarem a morte, preparando-os psicologicamente para ela. Comecei meu trabalho com Sally tendo em mente a ideia pouco “profissional” de que meu palpite valia tanto quanto o de outra pessoa. Eu trabalhava com pacientes terminais, e especialmente com Sally, de uma forma que parecia ser a mais conveniente para ambas. Para tanto, abandonei algumas técnicas e atitudes psicoterapêuticas convencionais. Senti que trabalhar com ela requereria, de minha parte, uma dedicação incomum. Exigiria envolvimento pessoal, disponibilidade para trocar, ou partilhar, os interesses relativos à sua vida e para dar mais explicações teóricas do que daria normalmente quando Sally as solicitasse.

Por ter sido aluna e paciente de Jung, suas ideias sobre individuação me influenciaram; eu as associava

não só às nossas crises existenciais, mas também as considerava chave para lidar com a morte. Jung usou o termo “individuação” para descrever o processo de desenvolvimento de um indivíduo na vida adulta, pelo qual ele passa a reconhecer sua individualidade em relação a todo o âmbito da vida humana, aprendendo a aceitar o paradoxo de ser único e participar completamente da experiência humana coletiva. Jung notou que aqueles que estão com o desenvolvimento “bloqueado” são especialmente vulneráveis ao câncer. Na velhice, aprendi a dar preferência à individuação e, desse modo, a lidar com o medo da morte. Essa postura influenciou todo o meu trabalho com Sally.

Para ajudá-la no processo de individuação, trabalhei, à minha maneira, com muitas ideias de Jung, assim como com as minhas próprias. Aproveitei os sonhos, as fantasias e a imaginação ativa de Sally para despertar seu interesse pelos aspectos negligenciados, ignorados, de sua psique, que geralmente se manifestam no plano inconsciente. Jung concebeu o inconsciente como uma instância que inclui não só os aspectos pessoais da vida de um indivíduo, como também imagens arquetípicas, primordiais – aqueles motivos coletivos e universais que encontramos nas mitologias e religiões de todas as culturas. Aproveitando os indícios de seu inconsciente à medida que apareciam em nossas sessões, tentei falar com a voz dos aspectos desconhecidos de sua personalidade para que ela pudesse começar a experimentar a tensão dos opostos em sua psique. Ao fazê-lo, talvez pudesse aceitar seu próprio símbolo de transformação para uma vida perene, o que facilitaria seu embate com a morte.

Nesses últimos anos, desde a morte de Sally, tenho me convencido, cada vez mais, de que uma terapeuta é

de especial valia para os pacientes terminais. A necessidade de voltar à mãe, de resolver o problema materno – quando ele existe – e a necessidade de encontrar a mulher interior ideal, simbólica e imageticamente, é especialmente premente para os que estão à beira da morte, e acredito que uma ajuda feminina é primordial nesses momentos. Durante meu trabalho com Sally, não dei suficiente importância às mulheres que apareciam em seus sonhos nem a seus chamados noturnos pela mãe, talvez porque eu ainda não estivesse plenamente consciente de minha importância enquanto *mulher* na vida dela. A morte pertence à área arquetípica da divindade feminina (Grande Mãe)*;¹ portanto, uma terapeuta pode compreender essa projeção melhor do que um homem. Meditando sobre meu trabalho com Sally, acredito, cada vez mais, que a morte precisa da presença feminina.

Meu trabalho com Sally transformou-se rapidamente em uma espécie de projeto de pesquisa mútua. Eu precisava saber mais sobre a morte por razões profissionais e também porque, já com mais de 60 anos, podia antever mais conscientemente minha própria morte. Minha cliente, tentando desesperadamente encontrar o significado de sua triste situação e não tendo ninguém a quem pudesse consultar, compensava minha falta de experiência testando-me e questionando-me constantemente. Nem ela, nem eu tínhamos roteiro a seguir, e precisávamos proceder com base na tentativa e erro. Desde nosso primeiro encontro, eu me convenci de que nosso trabalho juntas seria mais útil para ela do que seus esforços solitários. E de que, certamente, ela me ajudaria a enfrentar o maior mistério da vida: a morte.

¹ As palavras marcadas com “*” indicam a referência no glossário, p. 309

Concordei em atender Sally em sua casa e em cobrar um honorário mínimo – ou não cobrar nada –, e decidi corresponder ao máximo às suas necessidades, independentemente do tempo que isso exigisse. Eu podia fazê-lo porque só trabalhava profissionalmente em meio período. Tinha mais possibilidade de estar livre a qualquer hora do que meus colegas, que trabalhavam em período integral e tinham família para sustentar. Também era importante que Sally, tão preocupada por constituir um peso nas finanças da família, não incorresse em gastos adicionais.

Antes e durante meu trabalho com Sally, li muito sobre câncer. Uma das teorias que li dizia que uma grande perda – de uma pessoa próxima ou de um aspecto necessário para a vida – pode provocar um câncer. Pareceu-me lógico. Sally sofreu perdas durante toda sua vida. Apesar de ser aparentemente ativa e de sua atividade ser, até certo ponto, produtiva, havia, na realidade, um desesperado esforço para escapar de uma vida de constantes desilusões, devido às limitações que sentia pesar sobre si por ser mulher.

Li muitos textos médicos, mas não encontrei nada que pudesse aproveitar. Entretanto, fiquei impressionada por um pequeno livro, *Living with cancer (Vivendo com câncer)*, de Edna Kaehele. A autora, cuja situação existencial era quase idêntica à de Sally, estivera doente durante muitos anos. Muitas vezes, os médicos a desenganaram e, finalmente, mandaram-na do hospital para casa, para que lá morresse. Ela conta a experiência de olhar-se no espelho e perceber o esqueleto que se tornara. Mas, ao mesmo tempo, estava consciente de seu ser tão presente. Ela escreve: “Se esta perda da carne não consegue alterar a vida interior, haverá algo que possa fazê-lo? O tempo? A eternidade? Sabemos, enfim,

simples e irrefutavelmente, que existimos independentemente da carne, que continuamos a existir enquanto entidades independentes através de éons² de matéria mutável”. A partir daquele dia começou a melhorar, e seis anos mais tarde escreveu sua história. Poderíamos dizer que ela estava finalmente pronta para desprender-se de seu corpo porque experimentara seu ser espiritual; aparentemente, fora dependente demais ou ligada demais a seu corpo.

Ao começar a trabalhar com Sally, esforcei-me para encontrar, em mim mesma, uma consciência de minhas reações, pensamentos e especulações, na esperança de achar novas maneiras de lidar com uma doença fatal. Para tanto, precisava abordar o problema a meu modo, modo de mulher – pelo menos, modo de uma mulher. Precisava ousar confiar em minhas intuições sobre o que acontecia entre mim e Sally. Permitted que se estabelecesse uma relação mais pessoal do que a que normalmente ocorre em análise. Críticos profissionais poderão rotular esse envolvimento de contratransferência.* Só posso dizer que nossa relação era boa, provavelmente porque confiei em minha integridade e consciência e também na maturidade adquirida por Sally durante sete anos de doença. Se tivéssemos trabalhado de modo mais convencional, talvez surgissem problemas em decorrência da repressão de meu “eu” natural, feminino, em contato com ela, enquanto mulher. Uma solução inconsciente para os problemas, negados devido à gravidade do caso, poderia ter sido buscada através de projeções,* o que criaria uma contratransferência destrutiva que seria um fardo para Sally. Ela poderia, por exemplo, achar

² Tempo geológico imensurável.

que precisava melhorar para me agradar. Agindo da forma como eu agi, podia admitir, por vezes, que tinha minhas concepções duvidosas em relação a sua cura.

Talvez o obstáculo mais grave para que houvesse uma relação quase ideal entre mim e Sally fosse o fato de eu ter duas viagens marcadas com meu marido, durante os seis meses seguintes ao nosso primeiro encontro. Naquela época, eu já resolvera para mim mesma o dilema vivido por muitas mulheres que trabalham: o de saber organizar a vida familiar e a profissional. Tomara a decisão de que, se houvesse um conflito, daria preferência aos compromissos familiares. Para a maioria de meus pacientes, minhas viagens eram invariavelmente benéficas, permitindo-lhes que descobrissem sua independência. Para Sally, minhas ausências – principalmente a primeira, que foi a mais longa – foram provavelmente ruins, apesar de a terapia ter continuado com um colega muito simpático e dedicado, de nossa troca de correspondências, e de ela estar a par de meus planos de viagem desde o começo da análise. Meu afastamento pareceu realmente afetá-la, apesar de eu não ter certeza de que a regressão não se devia ao avançado estado de sua doença.

Apesar de sua regressão durante minhas viagens, havia um proveito em nossas separações. Era essencial que ela mantivesse uma ligação íntima com o marido. Se eu ficasse com ela o tempo todo, talvez ele se afastasse dela, incapaz de suportar o enorme fardo da doença. Por ser um tipo de sensação, Sally não podia ter *insights* em isolamento nos dias em que não nos víamos. Precisava sentir que o marido estava presente e ligar-se à família em um contexto de relacionamento concreto, vivo e interessado. Finalmente, senti-me melhor em relação a

nossas separações quando percebi que seu casamento se tornava o motivo central em seu inconsciente.

Quando Sally partiu, descobri que me deixara seu material, reafirmando o desejo que repetira muitas vezes de que eu transmitisse tudo o que fosse possível sobre o nosso trabalho, na esperança de que outras vítimas de câncer e suas famílias não sofressem tanto quanto ela e sua família. As cartas que eu lhe escrevera estavam atadas com uma fita cor-de-rosa; os desenhos, cuidadosamente datados e em ordem. A mensagem era clara. Comecei a organizar o material. Para meu próprio uso, imediatamente depois de cada encontro e telefonema, eu anotara tudo o que lembrava ter acontecido entre nós; parava o carro à beira da estrada e anotava qualquer coisa que recordasse sobre nosso encontro. Quando chegava à casa, a alguns quilômetros de distância, tinha um registro tão completo quanto possível, sem ter feito anotações durante a sessão nem usado gravador.

Mais tarde, convenci Eleanor Haas a ser coautora deste livro. Montamos a história a partir de meu arquivo e o ampliamos com a inclusão de reações subjetivas e conclusões que, por uma ou outra razão, eu não comunicara a Sally durante nossos encontros. Eleanor escreveu o texto baseando-se em todo esse material.

Uma de minhas alunas, Audrey Blodgett, pesquisou a literatura junguiana e formulou as definições dos termos que aparecem no glossário. Esses termos surgiam em minhas entrevistas com Sally. Eram importantes para ela por causa de seus interesses intelectuais e de seu desejo de compreender os termos que apareciam nos livros sobre psicologia junguiana que lia. Espero que o glossário cumpra uma função similar para o leitor.

A revisão final, uma tarefa importantíssima, deve-se a Barbara McClintock.

Quero chamar a atenção do leitor, antes de começar o relato, passo a passo, dos últimos seis meses de vida de Sally, para que não espere que este livro seja um texto definitivo sobre análise junguiana. É o relato feito por uma analista, da análise de uma pessoa, em um momento e em um local específicos, sob circunstâncias específicas. Se os leitores concordarem com minhas conclusões, espero que o façam levando em conta essas ressalvas.

Uma nota sobre a família de Sally: tenho o maior respeito e admiração por todos os membros da família. Eles, como Sally, estavam vivendo uma situação difícil e desesperadora. Jung comenta que a morte é mais dura para os que ficam do que para quem morre. Concordo com ele, e para essa família era mais do que verdade. Os pacientes terminais perdem, muitas vezes, o controle; surgem elementos negativos, destrutivos da psique, quando o lado sombrio não é abordado. Nesses momentos, aqueles que são mais íntimos da pessoa que está morrendo sofrem, às vezes, duros golpes. Sally esforçou-se muito para não sucumbir a esses estados de espírito críticos e sombrios, mas nem sempre conseguiu. Sua família, então, foi algumas vezes criticada imerecidamente por ela; a paciência que tiveram tocou-me profundamente.

Jane Hollister Wheelwright

Fevereiro de 1980